

# A MARCHA DAS VÁDIAS NAS REDES SOCIAIS: O QUE DIZER SOBRE A CIBERMILITÂNCIA?



GARCIA, Dantielii Assumpção <dantieligarcia@gmail.com>

SOUSA, Lucília Maria Abrahão e <luciliamsr@uol.com.br>

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - FFCLRP



## 1 DIZERES INICIAIS

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa de Pós-Doutorado *A Marcha das Vadias nas redes sociais: efeitos de feminismo e mulher* (FAPESP, proc. nº 2013/16006-8), desenvolvido junto ao *Laboratório Discursivo, sujeito e sentidos em movimento* (El@dis, USP-Ribeirão Preto) sob a supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa, e tem como finalidade analisar como a Marcha das Vadias ganha significação na esfera tecnológica por meio do Facebook e constitui-se como um discurso da militância que interpela e convida as mulheres, os homens e toda a sociedade a refletirem sobre as significações do que é ou não é ser mulher.

## 2 DIREÇÕES DE PESQUISA

Em um primeiro momento, nossos desafios teórico-analíticos são: 1. Compreender, por meio de uma leitura discursiva, em que consiste a cibermilitância, o ciberativismo, o ciberespaço e as redes sociais; 2. Quais são os modos de individualização da sociedade em rede; 3. Como são formulados sentidos aos e pelos sujeitos do século XXI-sujeitos conectados.

Em um segundo momento, nosso desafio é responder aos seguintes questionamentos: 1. O feminismo assume que formulação frente à era digital?; 2. Na rede, será que é constituído um espaço para que as mulheres militem?; 3. Há um ativismo digital que formula novos sentidos em relação ao que é ser mulher e que extrapola o ciberespaço?

## 3 MILITANDO POR UMA POSIÇÃO

A Marcha das Vadias é um movimento feminista recente (2011-2014) que traz à tona diversas discussões acerca do que é ser mulher e do que significa uma sociedade sexista baseada na desigualdade de gênero. A Marcha das Vadias surgiu a partir de um episódio ocorrido em janeiro de 2011, quando o policial canadense Michael Sanguinetti, em uma palestra na York University, recomendou que “as mulheres evitassem se vestirem como putas para não serem vítimas de estupro”. Como reação a essa fala, em abril do mesmo ano, cerca de três mil canadenses saíram às ruas para protestar na primeira SlutWalk, a *Marcha das Putas*, ou na tradução adotada no Brasil, a *Marcha das Vadias*. As manifestações das Marchas das Vadias espalharam-se pelo mundo e já em 2011 ocorreram em diversas cidades brasileiras.

Nunes (2013, p. 65) aponta que as chamadas “marchas urbanas” têm se intensificado nos últimos anos, configurando novas práticas no espaço cidadão. Conforme o autor (2013, p. 65), isso ocorre, por um lado, à disseminação das redes sociais digitais e, por outro a determinadas formas de manifestação dos movimentos sociais:

Pode-se dizer que há, no acontecimento das marchas, uma imbricação entre o movimento nas redes e o que ocorre nas ruas, entre o digital e o acontecimento que toma corpo no espaço público, com as contradições e as migrações de sentido que envolvem esse processo (NUNES, 2013, p. 65).

Como salienta Moraes (2001, p. 1-2): “a Internet vem dinamizar as lutas das entidades civis a favor da justiça social num mundo que globaliza desigualdades de toda ordem”. Diz-nos ainda o autor (2001, p. 1) que as vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e compromimentos comuns, a partir de diversidade de campos de interesse:

Daí porque a organização em redes, dentro e fora da Internet, se revela inovadora. Elas facilitam a intercomunicação de indivíduos e agrupamentos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos. Servem de estuários para a defesa de identidades culturais, a promoção de valores éticos e a democratização da esfera pública (MORAES, 2001, p. 2)

As mulheres da Marcha das Vadias usam o ciberespaço para convidar outras mulheres e toda a sociedade a militarem pelas causas femininas/feministas. O ciberespaço serve como um lugar de divulgação e de circulação de novos dizeres sobre questões que tocam na constituição

Na cibermilitância, o discurso é constituído no espaço virtual, contudo, as ações são para serem sentidas no espaço público. Como nos coloca Barbero (s.d), “En las grandes ciudades el uso de las redes electrónicas está permitindo construir grupos que, virtuales en su nacimiento, acaban territorializándose, pasando de la conexión al encuentro, y del encuentro a la acción”.

A Marcha das Vadias busca produzir uma ruptura nos sentidos já estabilizados sobre a mulher, seu corpo, sua relação com o homem. Ao formular outros dizeres sobre a mulher e sua relação com o espaço da cidade, a Marcha constitui à mulher uma posição de sujeito de direito, livre para ter desejos, para ter vida, para usar a roupa que quiser, para ter relações com quem preferir, para ser feminista, para ser mulher, para lutar e para sonhar.

No virtual, na rede, nas páginas do Facebook da Marcha das Vadias, há a divulgação de textos, vídeos, artigos sobre a mulher, seu corpo, sobre o estupro, sobre o feminismo, o machismo, a homofobia, a transfobia. As contradições no ciberespaço, nas páginas do Facebook não são silenciadas, são divulgadas, são confrontadas, questionadas. Ganham corpo ao fazerem circular posições em confronto; nessa direção, a Marcha das Vadias dá voz ao sujeito feminino, inscreve efeitos de/sobre o feminino a partir da posição sujeito feminino e faz falar uma voz que quer ser ouvida, respeitada.

No ciberespaço, haverá uma abertura para que diferentes posições sejam colocadas em circulação. Ao formular um dizer sobre a mulher, a Marcha das Vadias traz também dizeres produzidos pela sociedade machista, patriarcal que violentam o feminino. Ao trazer a voz do outro no ciberespaço, o intuito da Marcha das Vadias é fazer com que a sociedade reflita sobre uma naturalização da posição da mulher produzida pela mesma sociedade.

Ao militar por meio da rede, sentidos são produzidos no ciberespaço, porém, com o objetivo de atingir o espaço público, o espaço urbano, cidadão. Embora a sociedade em rede passe boa parte de seu tempo conectada ao ciberespaço, as ações esperadas são para serem sentidas no espaço urbano. As polêmicas, os confrontos surgem inicialmente no espaço urbano, depois, pela militância, territorializam-se no ciberespaço, nas redes sociais, nas comunidades virtuais. Ali, circularão e produzirão sentidos, reflexões às questões polêmicas. Após as diversas discussões pela sociedade em rede, as ações voltam a territorializar-se no espaço urbano, produzindo mudanças na sociedade.

A rede produz, desse modo, novas formas de individualização dos sujeitos, abre para a multiplicidade dos sentidos, sustenta desavenças, conflitos. A rede é um espaço heterogêneo, sustentado por relações de poder, que permite ao sujeito do século XXI ler temas que o afetam, dizer fatos que o incomodam, viver a possibilidade de uma sociedade menos sexista, violenta. O ciberespaço permite a militância, permite a discussão de temas que afetam o funcionamento do espaço urbano. Na rede, confrontos surgem na tentativa de fundar outros discursos à sociedade, outras formas de socialização em que não só o sujeito homem-heterossexual tenha voz, mas em que todos os sujeitos mulher, homossexual, bissexual, transexual possam dizer e não serem ditos por uma sociedade baseada em uma violência patriarcal de gênero que também circula na rede.



## 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBERO, J. M. *Comunicación y solidaridad en tiempos de globalización*. Disponível em: <http://mrproject.org/spanish/barbero.html>. Acesso em 15 de maio de 2014.
- MORAES, D. *Ativismo digital*, 2001. Disponível em: <http://www.bccc.ubi.pt/pa/moraes-denis-ativismo-digital.html>. Acesso em 15 de maio de 2014.
- NUNES, J.H. *Marchas urbanas: das redes sociais ao acontecimento*. In: PETRI, V.; DIAS, C. (Org.) *Análise de Discurso: teoria, método e análise*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

